

A CRISE MUNDIAL DE ALIMENTAÇÃO SUA NATUREZA E SIGNIFICADO PARA O BRASIL

LAWRENCE WITT (*)

É com grande prazer que retorno ao Brasil, trazendo para a SOBER as melhores saudações da Sociedade de Economia Rural dos Estados Unidos. Este prazer é renovado pela possibilidade de reunir-nos para examinar alguns problemas capitais de nossas atividades profissionais e de grande importância para ambos os povos.

Congratulo-me com o comitê organizador pelo tema escolhido. O papel da agricultura no Brasil, e a sua relação com o resto de sua economia são pontos de significativa importância. Grande parte do futuro aumento da produtividade agrícola resultará do maior uso dos insumos de material não agrícola, que não só provê um maior potencial para as terras já cultivadas, mas também torna possível o uso de outras terras ainda não cultivadas intensivamente.

Este processo requer uma inter-relação mais íntima entre a agricultura e a indústria,¹ aumenta a necessidade de análise dos aspectos econômicos da política agrícola e abre as portas para pesquisas cooperativas entre economistas e os outros especialistas na técnica agrícola.

O tema sobre o qual irei falar: — As implicações da crise mundial de alimentos no Brasil, tem muita relação com a contínua expansão da produção agrícola brasileira. A tendência estimada do crescimento da população mundial obriga que a produção alimentícia brasileira se expanda pelo menos tão rapidamente como cresce essa população. E também traz oportunidade para o aumento de exportação e dêse modo contribui para maior taxa de desenvolvimento econômico do país. As mudanças que se fazem necessárias na política agrícola brasileira para atender a essa situação e apro-

(*) Professor de Economia Agrícola - M.S.U. — Presidente da Associação Americana de Economia Rural.

veitar-se dessa oportunidade, exigem os conhecimentos e as habilidades do economista. Essa situação que se apresenta ao Brasil toma perspectivas distintas, se analisarmos com mais profundidade em vez de encararmos somente através dos resultados superficiais e duvidosos das taxas de aumento de população, necessidades nutricionais, e taxas de aumento da produção de alimentos.

O problema de alimento no mundo é crítico. A população mundial ameaça dobrar nos próximos 35 anos. A ciência agrícola enfrenta desafios tremendos. ² Pode-se discutir quanto à melhor estatística, mas tem-se que aceitar que a produção de alimentos tem acompanhado escassamente o aumento da população. Não há dúvida também que se evite para o futuro aumento rápido na produção de alimentos. Cabe à nossa profissão contribuir com trabalhos que permitam melhor avaliar a gravidade do problema e melhor escolher a linha política e os programas de ação dentro das possibilidades de cada país. Examinemos estes últimos aspectos do problema.

POPULAÇÃO

Em todos países os índices atuais da população são maiores que os de uma ou duas décadas atrás, em um ou mais por cento. A aplicação da ciência médica moderna nos serviços de Saúde Pública está salvando a vida de muitos que, nas mesmas condições e circunstâncias, teriam morrido no passado. A aplicação da ciência na agricultura é mais difícil, porque: a) as mesmas técnicas não se adotam indiscriminadamente em todos os países; b) a importância da agricultura tem sido negligenciada em muitas das nações em desenvolvimento; c) os tomadores de decisão são muitos na agricultura e todos eles têm que receber e aceitar as novas idéias. Assim, a ciência moderna quebrou a relação de equilíbrio entre população/suprimento de alimentos, favorecendo no rápido aumento de população.

O aumento da população não constituiu um fenômeno de curto prazo. A pirâmide populacional na maior parte dos países em desenvolvimento possui uma proporção maior de indivíduos abaixo de quinze anos de idade. ³ Brevemente ocorrerá um rápido aumento de número de mulheres em idade de conceber. O controle de natalidade em alguns poucos países se apresenta como esforço modesto e insuficiente para compensar essa mudança na composição da população.

Assim, um rápido aumento no número de bocas se mostra inevitável para a próxima década e é possível que se repita daí por diante.

Poucos são os que discordam dessas conclusões.⁴ Não obstante, eu compartilho dessa discordância com bases nos dados mais recentes sobre o controle de natalidade. O argumento é este: o aumento do índice de crescimento da população nos últimos quinze anos se deve ao decréscimo no índice de mortalidade. Porém o controle fácil da mortalidade é cousa do passado. Decréscimo maior da mortalidade requererá muito tempo e dinheiro. Por esse motivo não se deve prognosticar um futuro aumento no índice de crescimento da população, exceto em algumas áreas, onde o índice de mortalidade ainda não diminuiu. Além disso, as recentes descobertas no controle de natalidade são espantosas. As técnicas agora ao nosso alcance são econômicas, de efeito seguro, e estão ao alcance do poder aquisitivo dos trabalhadores rurais e operários da Ásia e América Latina. Além do mais, as informações sobre essas técnicas têm se difundido rapidamente quer nas áreas rurais, quer nas urbanas. Na Coreia e em Formosa a participação em massa já se faz sentir. Os mesmos processos já se fazem evidentes na Índia, Paquistão, Colômbia e outros lugares.

Isto não quer dizer que a população mundial não está mais se expandindo. Essas informações indicam somente que um esforço contínuo e generalizado para o controle da população pode diminuir o índice de crescimento num futuro próximo, dando assim esperança de que o mundo não se torne superpovoado. Dêsse modo, haverá talvez cinco bilhões em vez de seis bilhões de pessoas no ano 2.000, comparado com os 3,2 bilhões atuais.

OFERTA E PROCURA DE ALIMENTOS

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos⁵ e a organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas⁶ estimam as necessidades nutricionais por pessoa. Estas estimativas são multiplicadas pela população atual e população futura estimada. As necessidades de alimento mundial assim calculadas são muito superiores aos suprimentos atuais de alimento.

Este cálculo confunde dois assuntos e nos leva a uma conclusão assustadora. O primeiro deles é se poderemos alimentar a crescente população tão bem (ou tão mal) como

a atual população. O outro é se poderemos alimentá-la melhor.

Uma população em crescimento com o mesmo rendimento "per capita" aumenta a procura mundial de alimento na mesma proporção em que a população aumenta, exceto pelos ajustamentos provenientes do fato dos países de pequena renda terem uma taxa de crescimento populacional maior do que a dos países de alta renda.

Na verdade, as rendas "per capita" se elevam vagarosamente em um grande número de países quer desenvolvidos, quer em desenvolvimento. Uma análise clássica da demanda pode ser usada para estimar o aumento da procura, associada com uma combinação de crescimento de população e de renda "per capita", uma vez que se disponham de certos dados básicos, tais como a elasticidade-renda da demanda dos alimentos. A demanda de alguns alimentos aumentará mais depressa que a de outros, à medida que aumenta a renda "per capita"⁷. Parte dos problemas atuais de alimento no Brasil relacionam-se a êsses aumentos de renda e mudanças das curvas de demanda dos alimentos.

É quase tolice calcular as necessidades de alimento. Fazem sentido somente se a nação está preparada para iniciar um programa vasto e dispendioso para fornecer alimento aos menos afortunados ou vender-lhes a preços muito mais baixos que aquêles cobrados ao resto da sociedade. Ademais, para se conseguir um melhoramento real na nutrição, um programa de distribuição de alimentos, deve-se associar a outros programas educacionais referentes a conceitos de nutrição, métodos de preparação de alimentos e necessidades especiais de alimentação dos recém-nascidos.

Tanto a análise das necessidades como a da procura, não são somente uma questão econômica. No entanto, para uma análise econômica, a procura mostra-se muito mais relevante.

FONTES DE SUPRIMENTO DOS ALIMENTOS

Muitas das nações em desenvolvimento estão expandindo rapidamente a produção de alimentos. Durante o período compreendido entre 1948 e 1963, a taxa de aumento da produção ultrapassou de 5% ao ano em sete países: Israel, Sudão, México, Costa Rica, Filipinas, Tanganica e Iugoslávia. Variou de 4 a 5% ao ano em outros cinco países: Formosa, Turquia, Venezuela, Tailândia e Brasil⁸. Êsses são

índices notáveis de expansão que receberam menos atenção do que deveriam, porque foram ofuscados pelos altos índices de crescimento de população e de renda.

Nos anos próximos, passados e vindouros, a América do Norte teve e terá um fluxo de alimentos que excede as suas necessidades, e uma capacidade potencial para aumentar ainda mais esse fluxo. Através de programas especiais este excesso tem sido compartilhado com os países em desenvolvimento, incluindo o Brasil. Mas, ainda assim, fizemos somente uma contribuição parcial para alimentar a população mundial. Mesmo para a Índia, país que mais tem recebido, os Estados Unidos têm contribuído com menos de 5% de seu suprimento total de alimentos. Temos provido uma fração substancial do consumo brasileiro de trigo em grão e em farinha de trigo, mas apenas uma fração mínima de seu consumo total de alimentos. Nenhum economista poderá dizer que uma contribuição marginal não é importante em seu efeito sobre os preços, contribuindo assim para diminuir a inflação. No entanto essas quantidades disponíveis são ínfimas, se pensarmos numa expansão da população mundial estimada em 50 a 100% a mais do que a de hoje.

É fato que a maioria das nações deve produzir os alimentos necessários às suas próprias populações. Uma implicação decorrente desse fato é que num país que tenha um programa eficiente de planejamento de famílias, a pressão sobre a agricultura será menos severa. Se, ao mesmo tempo, a renda "per capita" puder ser aumentada, então apresentar-se-ão oportunidades para desenvolver um programa nutricional e para mudar pouco a pouco a agricultura, da produção de calorias para a produção de proteínas, frutas, vegetais e outros alimentos protetores do organismo. Nas nações em que não se dá atenção ao controle de natalidade, o apêlo à agricultura será maior. Eles estarão mais expostos a enfrentar uma crise de alimentação e terão uma oportunidade menor de melhorar a qualidade da ração alimentar.

IMPLICAÇÃO PARA O BRASIL

O alto nível de salário e o aumento de renda "per-capita" na Europa Ocidental e em outras partes do mundo provêm uma oportunidade especial no mercado de carne, frutas e vegetais. Devido a essa melhoria de rendimento de consumidores dessas nações, estão se voltando para esses produtos que, exigem mais dois recursos agrícolas que os cereais

com a conseqüente expansão dos mercados de frutas, carne e talvez milho para a melhoria de gado. Sabemos que a elasticidade da procura pela carne considerando renda e preços, é mais favorável que para a maior parte dos cereais. Assim, a economia nacional é mais estável se a exportação de carne fôr maior, em vez de estar baseada na exportação de cereais, algodão e café. A exportação de frutas, com a laranja, por exemplo, provávelmente se assemelha mais à da carne do que à do algodão.

Tentemos agora explicar essas idéias ao Brasil. Se vocês concordarem que os programas de planificação da família e o contrôle de nascimento estão se expandindo rapidamente, então o problema da alimentação mundial tornar-se-á menos severo depois de 1980. Daí em diante melhoramentos na qualidade nutricional da ração alimentar predominarão sôbre a necessidade de expandir os suprimentos de carboidratos. Quando isso ocorrer, a produção de alimentos contendo uma quantidade substancial de proteínas, especialmente os amineácidos de origem animal tenderão a se tornar relativamente mais aproveitáveis, com o mercado doméstico e de exportação assegurados. No próprio Brasil, e vocês podem julgar isso melhor do que eu, o contrôle de natalidade e o planejamento de família chegarão mais tarde que na Ásia. Se assim fôr, a população brasileira continuará a expandir-se rapidamente, mesmo depois de 1980. A consequência disto é um desafio e uma oportunidade ainda maior para a agricultura brasileira. A produção de alimento necessita aumentar também para atender o rápido aumento da população do Brasil, e deveria aumentar também em certos produtos em que o Brasil tenha uma vantagem comparável e possa explorar no aumento da demanda mundial por alimentos mais nutritivos.

Por essas razões, parece-me que o desenvolvimento agrícola do Brasil tem grande significado nas próximas décadas. A produção de alimento "per capita" por agricultor e provávelmente por alqueire de terra torna-se um objetivo nacionalmente primordial, e não sômente objetivo das Universidades Agrícolas, do Ministério e Secretarias da Agricultura.

DIFERENÇAS REGIONAIS

A discussão acima relaciona-se com a nação brasileira na situação alimentar mundial. As grandes diferenças do Brasil entre o Nordeste e o Sul, entre Amazonas e São Paulo,

representam, na verdade, uma miniatura da situação mundial. O padrão alimentar do Sul é melhor que o do Norte. O baixo poder aquisitivo do Nordeste torna difícil uma melhoria na sua alimentação e somente através de programas especiais para o seu bem estar, isto pode ser conseguido, enquanto nas partes central e sul do Brasil, a educação nutricional deve ser eficiente na melhoria de qualidade do padrão alimentar.

Resumos estatísticos indicam que o Brasil, em média, está próximo do suprimento adequado de calorias e proteínas. Nós sabemos que estas deficiências são comuns no Norte e Nordeste. Se o valor nutritivo da alimentação brasileira fôr seguido de uma adequada regulamentação social, de maneira que alguns dos alimentos agora consumidos nas regiões Sul e Sudeste possam ser estendidas às outras partes, ou a produção deveria ser aumentada ou programas especiais de desenvolvimento para possibilitar um melhoramento das regiões menos favorecidas. Eu aponto a existência de um problema — a sociedade brasileira tem que decidir se alguma coisa deve ser feita, e se assim fôr qual a combinação de programas econômicos e sociais a serem empregados.

R E S U M O

A crise mundial de alimentação é eminente. Existem oportunidades de torná-la menos grave. Essas oportunidades não só se realizarão por meio de uma combinação intensiva de esforços para reduzir o índice de natalidade e aumentar a produção de alimentos.

Eventualmente cada país terá que prover no mínimo 90% de alimentos para sua população adicional. O levantamento das rendas "per capita" darão oportunidade para uma maior produção e levará a uma mudança nos produtos mais dispendiosos e nutritivos, provendo oportunidades especiais para exportação.

O desafio para a agricultura brasileira e cientistas agrícolas é enorme. As oportunidades para uma contribuição efetiva para o desenvolvimento econômico brasileiro é ainda maior.

REFERÊNCIAS

1 — Veja o meu artigo, "Role of Agriculture in Economic Development — A Review", *Journal of Farm Economics*, Vol. 47, n.º 1, February, 1965, pp. 120-131.

2 — Mais detalhes podem ser encontrados no meu Presidential Address, "Food", *Journal of Farm Economics*, 48:1077 — 1090, December, 1966.

3 — Nações Unidas, *Demographic Yearbook, 1964*, Tópico Especial: Population Census Statistics III, 16 th issue, Statistical Office of the United Nations, Department of Economic and Social Affairs, New York, 1965.

4 — Donald Bogue, "The Prospects for World Population Control", Paper delivered in Ames, Iowa, Nov. 8, 1966, a ser publicado.

5 — Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, Serviço de Pesquisa Econômica, Divisão de Análise Regional Estrangeira, *The World Food Budget 1970*, For. Agr. Econ. Rep. N.º 19, 1964.

6 — Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, *Population and Food Supply*, Rome, 1962 (FAO:UN, Freedom From Hunger Campaign, Basic Study, N.º 7 and N.º 11, 1963).

Conferência sobre o progresso econômico de alimento em liberdade, 1001 Connecticut Avenue, N.W., Washington 6, D.C., October 1960.

7 — Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, *Agricultural Commodities Projections for 1970*, by L.M. Goreaux, Rome, 1962 (FAO:UN:FAO, Comodity Review, Special Supplements).

8 — Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, Serviços de Pesquisa Econômica, *Changes in Agriculture in 26 Developing Nations, 1948. to 1963*, For. Agr. Econ. Rep. N.º 27, November 1965.